

## ENTREVISTA

**Roseneide Fassina**

Presidente do Sindicato das Empresas de Transporte Comercial de Carga do Litoral Paulista (Sindisan)

**“Nós precisamos ter condições de receber os caminhões”**

ANDERSON FIRMINO

DA REDAÇÃO

*Roseneide Fassina tem a Psicologia como parte de sua formação profissional. Também se dedicou à gestão de pessoal, passando até pela direção da Associação Brasileira de Recursos Humanos (ABRH). Com a preocupação em sempre se atualizar por meio de cursos, passou a furar bolhas e ocupar espaços na carreira, como a recente chegada à presidência do Clube do Leme, um grupo que reúne profissionais do setor portuário, e do Sindicato das Empresas de Transporte Comercial de Carga do Litoral Paulista (Sindisan), o que ela considera desafiador. Confira a entrevista a seguir.*

**Como é ser a primeira mulher presidente do Sindisan?**

É desafiador, porque, apesar de ter sido eleita e ter uma diretoria, quando você é vice-presidente (ela era) não está à frente totalmente. Eu já tinha meu trabalho bastante forte, inteirada dos assuntos ligados à nossa atividade. Mas estar na linha de frente te dá um outro posicionamento. Você fica muito no holofote e tem uma cobrança. Eu sinto essa cobrança maior porque, a todo momento, as pessoas ficam questionando se, de verdade, estou preparada mesmo para fazer a gestão de um sindicato com uma cultura ainda tão masculina.

**Entende que seria como um processo de fortalecimento da figura feminina frente ao sindicato?**

Comecei a mapear no litoral paulista quem são as mulheres líderes que estão no segmento do transporte. Há alguns movimentos de inclusão de mulheres como motorista de carreta, de empilhadeira etc. Mas, e as lideranças? Existem mulheres que estão há mais de 20 anos em cargos de liderança que nunca tinham ido a um sindicato. A mulher não se vê líder sindical. Enquanto isso, quando vai a um evento, vê subirem ao palco apenas homens. Quando tem, é uma apenas. Tenho essa consciência de que, muitas vezes, sou a única mulher nos espaços. Isso no começo me constrangia muito, mas o caminho é esse.

**Caso houvesse uma política de trazer as mulheres para posições de comando, muita coisa seria di-**

“Uma das grandes queixas do caminhoneiro é que ele fica à mercê de espaços sem a menor infraestrutura”

**ferente na cadeia logística?**

O ser humano precisa de um modelo. Como a mulher não se vê lá, não entende que ela tem essa possibilidade. Eu sempre penso que quando eu estou nesse lugar de destaque, outras mulheres estão me olhando. Costumo dizer que existe uma lacuna de autoridade. A mulher pode estar em certos cargos, mas ela sempre precisa do apoio de alguma figura masculina para poder estar onde está. Se você olhar na questão portuária, temos vários terminais em Santos, mas nenhuma mulher como CEO.

**Como o sindicato atua atualmente? Quais são as principais bandeiras? Se fosse listar três problemas principais do setor, quais seriam?**

Na semana passada, estive em uma audiência pública na Comissão de Infraestrutura do Senado, discutindo aspectos da Lei do Motorista (13.103/2015), onde alguns pontos foram declarados como inconstitucionais pelo (ministro do STF) Alexandre de Moraes. A ideia é chegar a um acordo que possa favorecer tanto o empregador quanto o empregado. Hoje, ela prejudica os dois lados. Um segundo ponto importantíssimo é sobre os acessos, tanto nas periferias para chegar até os terminais portuários, quanto o acesso principal, que é uma segunda via de descida da Imigrantes. São as pautas que, além de impactarem fortemente o transportador de carga, e todos os outros modais, ela é urgente, porque ela já está ultrapassada. Se demorar uns seis a dez anos a ficar pronta, já vai estar defasada e muito, porque os volumes de carga só têm aumentado.